

O PANORAMA.

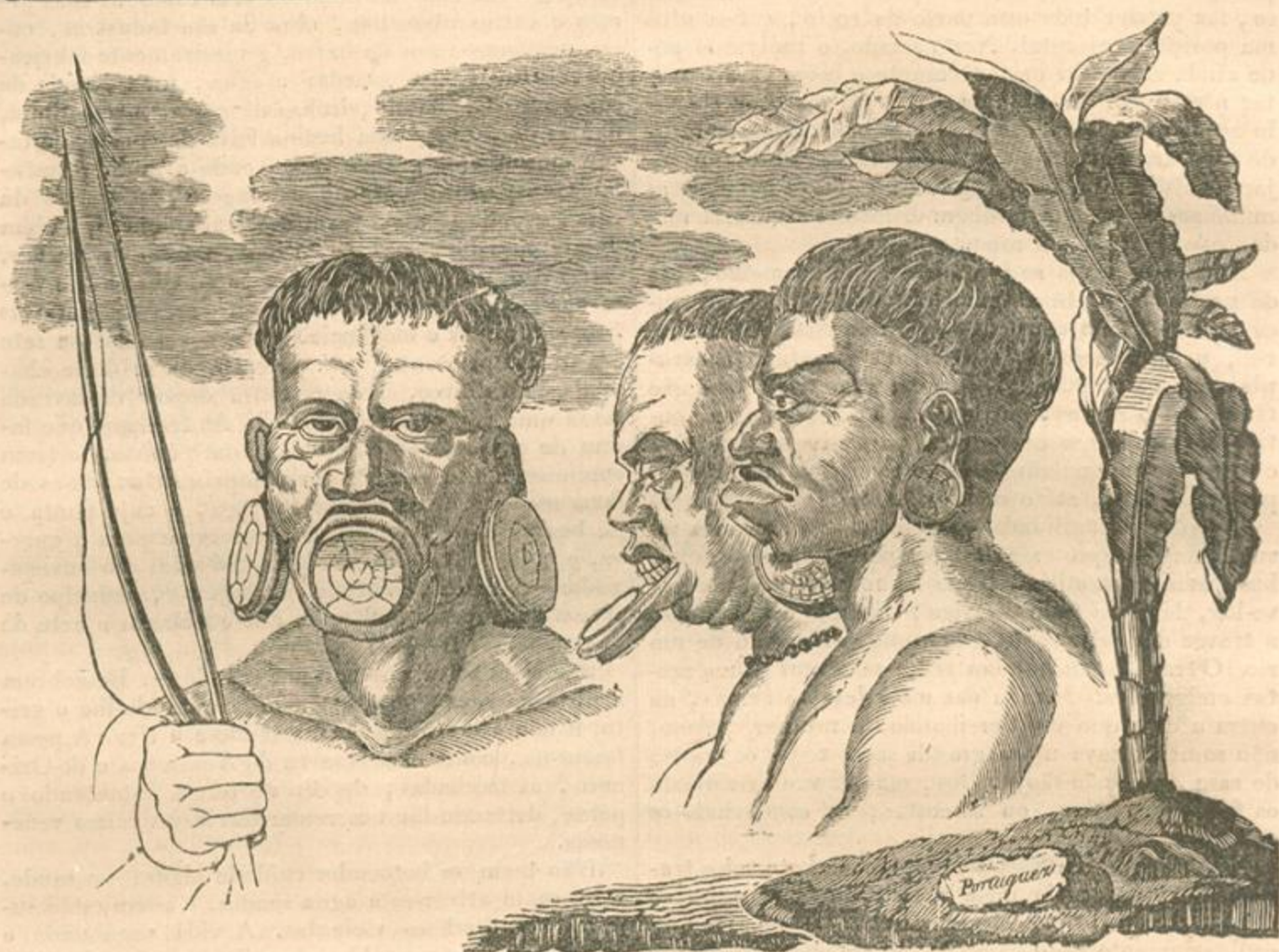
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

52)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(ABRIL 28, 1838)



BOTOCUDOS.

Os BOTOCUDOS.

Os BOTOCUDOS, que d'antes se chamavam *aimures* ou *ambores*, formam uma das mais notaveis tribus selvagens dos sertões do Brasil. Esta raça descende dos antigos tapuias. N'uma epocha mui remota, segundo se diz, os aimures foram obrigados a separar-se dos outros selvagens da sua casta: então se embrenharam pelas montanhas, onde adoptaram costumes mais ferozes do que os de outra qualquer tribu, das que povoam aquella zona. Nos primeiros tempos do estabelecimento dos portuguezes nas costas do mar, appareceu uma nuvem delles, matando quanta gente encontravam, e até devorando os prisioneiros. Os mesmos tupinaes e tupiniquins os tinham em conta de selvagens; e desde este tempo ficaram com uma tal reputação de bruteza e barbaria, que não tem par, a qual hão conservado até os nossos dias. Actualmente, menos numerosos, vagueam nos confins de Porto-Seguro e de Minas-Geraes, habitando de ordinario pelas margens do Rio-Doce e do Belmonte ou Juiquitinhonha. Este rio que é a fronteira da provincia de Porto-Seguro corre com pouco pendor, e magestosamente, antes de se ir metter no oceano, por um paiz de primitivas e bastas selvas. É por aqui que vivem os botocudos, assim chamados; porque os adornos que mettem nas orelhas e beigos se parecem muito com um botoque, ou batoque de barril.

VOL. II.

Como a maior parte dos indios, os botocudos andam inteiramente nus: são delgados de pernas, mas teem-nas robustas; os pés são pequenos, peitos e hombros largos, pescoco entroncado, nariz achatado, maçãs do rosto grossas e proeminentes. O cabello é preto e cortado em roda, como o circirio de um frade, salvo a coroa. Posto que feiissimos, teem uma cara mais alegre do que as outras tribus d'indios. O que prova a inclinação que teem para a alegria, é que as rugas que costuma fazer o rir muito, são assaz visiveis nos rostos delles. Como julgam ser formosura, e talvez utilidade, a delgadeza das pernas, apertam com faxas as das creanças. A maior injuria que se lhes póde dizer é que teem pernas grossas e olmos rasgados.

O que caracteriza os botocudos de ambos os sexos, é a medonha moda de furar o beigo inferior e as pontas das orelhas, para lhes metter enormes discos ou rodellas de pau, que vão fazendo maiores com a idade. Estas cabeças de botocudos de labios estendidos, carregados de pedaços de pau, parecidos com taboas de gamão, de olhos apertados, de cabellos cercceados como donatos, não são as mais convenientes para darem vantajosa idéa das raças primitivas, que povoavam o continente americano.

Para fazer as rodellas com que se enfeitam, os botocudos usam da madeira das arvores chamadas *barrigudos*, ainda novas. Quando as creanças começam

a crescer, furam-lhes as orelhas e o beigo, e ali lhes mettem um pedaço de pau, primeiramente pequeno, para depois lhe substituirem outro maior, quando a ferida está cicatrizada. Accrescentada assim gradualmente, esta rodella chega a ser de tres pollegadas de diametro. O disco de pau mettido no beigo não estira a carne em quanto não tem mais do que uma pollegada de diametro; mas quando é mais volumoso, faz pender toda esta parte do rosto, e fica n'uma posição horisontal. Neste estado, o individuo pôde ainda alevantar bastantemente o beigo para o sustentar n'uma postura obliqua, mas já não pôde chegarlo aos dentes. Tirada a rodella o beigo fica pendurado até para baixo da ponta do queixo. Posto que sejam mais bonitas e engraçadas do que os homens, as mulheres se tornam tambem disformes com esta moda, que lhes dá um aspecto nojento.

Ambos os sexos se pintam ora de vermelho, ora de preto. A pintura vermelha fazem-na com o urucú; a preta com o fructo do genipapeiro. As mulheres, principalmente, e as creanças gostam de sarapintar o corpo com tal ou qual symetria. Uns não fazem senão pintas, outros manchas irregulares, outros faxas que se prolongam para diversas partes, outros, enfim, enlabezam de urucú toda a parte superior da cara, até o meio das faces.

Dotados de agilidade extrema, os botocudos vivem quasi sempre erradios, ora peregrinando em tribus, ora em familias. Nada ha mais curioso do que ve-los, levando tudo comsigo, abrindo ora caminho a travez das selvas, logo mettendo-se ao vau de um rio. O trabalho do homem reduz-se a mui pouco nestas emigrações. N'uma das mãos leva as armas, na outra a caça que vae derribando: a mulher, porém, não somente leva n'um grande sacco todos os trastes de casa, que não são muitos, mas lá vae arrastando os filhos pequenos, ou ás costas, ou conduzindo-os pela mão.

Nestas peregrinações pelo sertão, os botocudos tractam de achar sitio onde a natureza lhes ministre abundantes recursos. É nas visinhanças de rios que ordinariamente acampam. Nenhuma auctoridade regular parece haver entre elles: a sua nação está dividida em tribus de cincoenta a cem guerreiros, afóra creanças e mulheres. Estas tribus, independentes umas das outras, teem cada uma seu chefe, que é electivo: o commando é dado ao mais valente; e muitas vezes elle não espera que o elejam, mas proclama-se chefe de seu motu-proprio. Taes chefes teem um poder quasi absoluto; porém n'um circulo muito estreito. O seu cargo consiste em dirigir as marchas, conduzir os homens á guerra, e apasiguar as brigas, de que quasi sempre são causa as mulheres. Em tempo de guerra, os chefes se distinguem por certa maneira particular de que usam no sarapintarem os corpos. N'outra qualquer occasião não teem signal algum, por onde se differencem; e pôde-se dizer que ficam eguaes aos subditos. Cada um destes chefes tem certa extensão de bosque, onde só elle pôde caçar e colher fructos. A violação deste territorio por qualquer tribu visinha é um insulto, que se toma como uma declaração de guerra. Quando os botocudos caçam é o chefe que faz os quinhões dos caçadores: se foi elle o que matou a caça, deixa-a toda á sua tribu. As aves pertencem só ás mulheres.

Quando os botocudos querem fazer assento n'algun sitio, a construcção das choças não lhes dá grande trabalho: contentam-se com enterrar no chão grandes ramos de coqueiro, cujas pontas formem uma especie de abobada. Comtudo, se teem de demorar-se, fazem habitações mais solidas, cravando estacas no chão, á roda das quaes enlaçam ramagens, e cubrin-

do-as com um tecto de grandes folhas de *paltioba*. No interior destas cabanas não se acham as macas ou redes das outras tribus selvagens, mas sim uma cama de estopa, na qual está continuamente deitado o cabeça da familia, não tractando; nem lhe importando nada, salvo se poderá ir caçar ou pescar, e deixando ás mulheres toda a fadiga dos trabalhos caseiros. Ao lado do dono da casa estão as suas armas e varios utensilios, obra da sua industria, como pequenos vasos de barro, grosseiramente fabricados, cabaças para guardar a agua, uma especie de copos feitos de cauná, linhas de pesca, machadinha, flautas de canna, uma buzina feita de concha de tató; enfim uma grande rede, onde a mulher costuma transportar, durante as viagens, os trastes da casa, e onde se amontoam desalinhadamente, além de algumas bugiaras da Europa, pontas de frechas, estrigas de estopa, urucú e genipapo, conchas de tartaruga, &c. As armas destes selvagens são notaveis pela sua fórma e elegancia. Os arcos de seis ou sete pés de comprimento, são da casta da madeira chamada pau d'arco. Esta madeira depois de lavrada toma uma côr vermelha-escura. As frechas, que fazem de canna, são enfeitadas com pennas, e teem commummente seis pés de comprimento: ha-as de dous modos: umas usadas na caça, e cuja ponta é de bambú aguçado; outras que servem para a guerra, e cuja ponta é de madeira. Só estas são envenenadas. Affirma, comtudo, o viajante, principe de Neuwied, que os botocudos não conhecem a arte de envenenar as frechas.

São estes selvagens optimos caçadores. Descobrem a pista da caça, ou a attraem, imitando-lhe o grito, e não a costumam errar tendo-a a tiro. A pesca fazem-na, como os selvagens do Amazonas e do Orinoco, ás fréchadas, depois de terem estonteado o peixe, deitando-lhe nos remansos varias raizes venenosas.

Não teem os botocudos cuidado algum na saude. Costumam atirar-se á agua suados, e assim estão sujeitos a catarrhaes violentas. A vida vagabunda e os prazeres sensuaes abbreviam-lhes os dias da vida. Quando morrem, enterram-nos á flor da terra, com as pernas encolhidas, de modo que em o chão entrando a abater, ficam com os joelhos de fóra.

As raparigas dos botocudos cazam, por assim dizer, no berço, mas os noivos são tambem creanças. Ajustados estes cazamentos na infancia, se divorceam depois de virem a ter filhos, estes ficam em poder da mãe em quanto são pequenos; mas em crescendo vão viver com seu pae. Os botocudos conhecem e respeitam os laços de familia, ainda que o adulterio é frequente entre elles. O marido, porém, castiga sem piedade a mulher, se a colhe em flagrante, e ella lhe pôde tambem fazer o mesmo em caso identico.

Os botocudos, ousados, ferozes, e valentes, de raro perdoam injuria que se lhes faça. Gostam da guerra, e as tribus a fazem constantemente umas ás outras. Para augmentar o seu bando, os chefes roubam uns aos outros mulheres e creanças. Houve quem dissesse, que os botocudos do Jiquitinhonha se arreçam dos botocudos mais bravios do sertão, a quem os brancos perseguem. Este dicto, porém, não é verdadeiro.

A nação dos botocudos não parece tão apaixonada de danças como os outros indios. A que se lhes conhece é unicamente uma que consiste em um semicirculo de homens e mulheres unidos, cada um dos quaes deita os braços ao pescoço dos visinhos do lado. Então uma velha agachada entoa, com voz tremula, uma cantiga, a que responde o alegre tropel, dançando e cantando, tudo a um tempo. As ca-

briolas e saltos que dão, são pezados, e quasi que não vergam as pernas. Os dançarinos collocados nas extremidades do meio circulo só poem um pé no chão, trazendo a outra perna mettida entre as do que lhe está ao lado; de modo que ambos os dois individuos saltam sobre um pé só.

Os botocudos parece não terem outro culto senão dos entes benéficos e maléficis. Estes, chamados *Janchús*, se dividem em demonios superiores e inferiores. *Tipapakijin* é o supremo *Janchú*. Affirma o principe de Neuwied, que a lua é de todos os corpos celestes aquelle a que elles teem maior respeito.

Dizemos, em ultimo logar, que a lingua dos botocudos é complicada e difficil de entender. M. Augusto Saint-Hilaire publicou um vocabulario della, o qual, posto que diminuto, basta para dar uma idéa do idioma botocudo.

IDEA FACIL DO SYSTEMA DO MUNDO.

Poucas pessoas haverá, que, erguendo os olhos para a fibobada celeste, durante uma bella noite de verão, não desejem conhecer alguma cousa do magnifico espectáculo, que se apresenta aos seus olhos. Entre esta prodigiosa quantidade de corpos luminosos, de que está semeado o espaço, uns, lançados a incalculavel distancia do nosso globo, teem luz propria, e conservam entre si uma posição constante, ou pelo menos sugêita a pequenas alterações; basta muitas vezês a vista, sem o soccorro de telescopios, para os conhecer pelo scintillar da sua luz, phenomeno que se não dá nas outras estrellas; são estes astros soes como o nosso, aos quaes se poz o nome de estrellas fixas. Outros são corpos opácos, que dão luz emprestada, e cujos movimentos no ceu são regulados por leis complicadas, a indagação das quaes é um dos principaes objectos da astronomia. Destes se tem feito tres classes, ás quaes se deu o nome de *cometas*, *planctas* e *satellites*. Assim as estrellas fixas ou soes, os cometas, os planetas, [que recebem do sol a luz que reflectem] e os satellites, que seguem os planetas no seu curso, volteando á roda delles, formam o que se chama *systema celeste*.

Sabemos já, por consequencia, que o nosso sol é uma estrella fixa, e a unica bastante proxima de nós para lhe podermos calcular o volume e a distancia. É o pae do calor, ou o communique por si mesmo, ou sómente o desinvolve com a sua luz nos corpos, que contém já o principio delle; allumia e anima tudo no nosso globo, e nos outros planetas; emfim, volta sobre si mesmo em vinte e cinco dias e meio, e traz á roda de si todos os planetas e os seus satellites.

A distancia do sol á terra é de quasi 35 milhões de leguas, e a luz que nos despede não gasta senão oito minutos em chegar a nós. Uma balla de 24, impellida por 16 arrateis de polvora, corre, ao sair da peça, 420 toezas por segundo, o que produz 662 leguas por hora. Deste modo ella atravessaria, suppondo-lhe sempre a mesma rapidez, 15:900 leguas n'um dia, sendo-lhe, assim, precisos seis annos para chegar ao sol. A luz das estrellas, correndo 70:000 leguas por segundo, gasta mais de tres annos em chegar á terra. Julgue-se por isto qual é a distancia em que estão de nós. O sol tem de diametro 320:000 leguas de 2283 toezas cada uma. Este diametro é 111 vezes maior do que o da terra: é, portanto, o sol quatrocentas mil vezes mais volumoso do que o nosso globo, e seiscentas e oito vezes mais do que todos os planetas junctos com os seus satellites.

Nossos avós, a quem faltavam instrumentos para

estudar os ceus, não conheciam senão os cinco planetas, que se podem descobrir com a vista simples e desajudada, a saber: Mercurio, Venus, Marte, Jupiter e Saturno. Desde a invenção dos telescopios tem-se descoberto cinco, e os progressos da astronomia demonstraram que tambem a terra era um delles, e dos menos importantes. Eis-aqui os nomes delles na ordem das suas respectivas distancias do sol, á roda do qual gyram perpetuamente, mas com diversos gráus de rapidez, conforme as modificações que resultam do seu volume e distancia respectivos. São pois: Mercurio, Venus, a Terra, Marte, Vesta, Juno, Ceres, Pallas, Jupiter, Saturno e Urano. Este ultimo descobriu-o, em 1781, o astronomo inglez Herschell. Vesta, Juno, Ceres e Pallas só se perceberam no principio deste seculo.

Como se acaba de ver, Mercurio, e depois Venus, são os que estão mais perto do sol: sendo assim os unicos que se approximam delle mais do que a terra, deu-se-lhes o nome de *planctas inferiores*. Pelá mesma razão chamaram-se *superiores* os oito planetas que estão mais afastados do sol que a terra.

Chama-se *orbital* a linha elliptica ou oval que seguem no seu curso os planetas, e cujo fóco, ou centro, é o do sol. A orbital da terra conservou o nome especial de *ecliptica*. Estas linhas não andam no mesmo plano; mas se exceptuarmos os quatro planetas ultimamente descobertos, e principalmente Pallas, os planos em que anda cada um, fazem muito pouca differença uns dos outros.

Quanto mais os planetas são proximos ao sol, mais rapido é o seu curso. Urano, que é o mais remoto, gasta 80 annos a correr toda a linha da sua orbital: a terra apenas gasta um, e Mercurio, sendo o mais visinho do sol, não chega a precisar de tres mezes para concluir o seu gyro. A razão disto é clara; quanto mais perto estão do sol, menor é o circulo que teem de descrever.

O grande eixo do systema planetario [o centro do sol] é sempre o mesmo; mas as excentricidades e as inclinações dos planetas, a posição dos seus nós [pontos em que as orbitas delles encontram o plano da ecliptica] e a da sua perihelia [a extremidade da orbital em que o planeta está mais perto do sol] estão sugêitas a certas variações, que no intervallo de um diminuto numero de seculos, se vão augmentando com o correr dos tempos, e ás quaes se dá o nome de desigualdades seculares.

Os planetas teem tambem um movimento de rotação sobre si mesmos, que os leva do occidente para o oriente. Isto se deduz da observação das manchas que ás vezes se descobrem no seu disco ou redondeza apparente. Veem-se estas manchas, que primeiro apparecem na borda do disco, irem andando gradualmente para o centro, crescerem ao passo que se afastam da borda, e desvanecerem-se em chegando á borda opposta. Esta observação serviu tambem para provar a esphericidade dos planetas, ou, por outra, que eram uns globos. Do mesmo modo que as revoluções sideraes, ou o caminho que fazem os planetas no espaço, são diversos conforme a distancia em que estão, assim o movimento da rotação de cada um differe da dos outros. Por exemplo; a terra gasta, pouco mais ou menos, 24 horas para dar uma volta inteira, e o sol gasta mais alguma cousa do que 25 dias completos.

Os *satellites* são pequenos astros que fazem a sua revolução á roda dos planetas principaes, em quanto estes andam á roda do sol. Os planetas que teem satellites, são: a Terra, Jupiter, Saturno, e Urano: a Terra não tem senão um, que é a lua.

A lua anda á roda da terra do occidente para o

oriente, como os planetas; a sua revolução sideral se completa em 27 dias, e o seu movimento é variavel, sendo mais rapido no seu *perigeu* [ponto da sua orbita em que se acha mais perto da terra], e mais vagaroso no seu *apogeu* [ponto em que se acha mais longe della].

Quando a terra se acha de permeio entre o sol e a lua, faz sombra a esta, e ha o que chamamos *eclipse da lua*. Quando, pelo contrario, é a lua que se acha entre o sol e a terra, ha *eclipse do sol*. Por calculos fundados na experiencia, sabe-se que a luz que *reflecte* a lua cheia [porque não a tem propria] é quasi 300:000 vezes mais fraca do que o sol. O seu diametro, em proporção do da terra, é apenas igual á 273 millesima parte delle; d'onde resulta que o volume da lua é quasi igual á 1,49149 centesima millesima parte do volume da terra, ou, por outra, que esta é 149:149 vezes maior.

A distancia da lua á terra é de 36:300 leguas. Sendo o movimento de rotação de qualquer satellite quasi igual ao seu movimento de revolução, resulta dahi que amostram constantemente ao seu planeta o mesmo hemispherio, isto é a mesma metade do globo.

Além dos seus satellites, Saturno apresenta, em

telescopios de grande augmento, circumstancias singulares, que por muito tempo fizeram sismar os astrónomos. Emfim, Huyghens descobriu um *anel*, ou facha, mui delgado, quasi chato, concentrico ao planeta, isto é, cingindo-o a egual distancia das suas bordas, e sem luz propria, porque lança uma sombra mui perceptivel sobre o disco do planeta.

A distancia que vae dos planetas á terra e ao sol é quasi nenhuma, se a compararmos á das estrellas. Com effeito, Urano anda afastado do sol 662 milhões de leguas; mas que é esta distancia em comparação de 3:566:000 milhões dellas que ha, pelo lo menos, da terra á estrella chamada *Syrio*? Façamos uma idéa physica desta desmesurada distancia.

A luz gasta oito minutos e treze segundos para chegar do sol a nós, isto é para correr 35 milhões de leguas: ora, ella gasta tres annos e 81 dias para chegar da estrella mais proxima da terra até nós. Se esta estrella deixasse agora de existir ainda a haviamos de ver passados tres annos e 80 dias.

Tal é a immensidade do espaço, que a imaginação do homem não póde comprehender, e que o Ente supremo povoou de mundos com um só aceno da sua mão omnipotente!



AS ROSAS.

A ROSA.

Bella em sua innocencia,
D'entre a çarça espinhosa,
Purpurea esplende, inda botão intacto,
Na madrugada a rosa.

É da campina a virgem
A pudibunda flor;
Em seus esluvios da manhaã a brisa
Bebe o primeiro amor,

O sol inunda as veigas;
Callou-se o rouxinol;
E a flor, ebria de gloria, á luz fervente,
Desabrochou-a o sol.

O sopro matutino
No seio seu pousára:
Prostituida á luz, fugiu-lhe a brisa,
Que a linda rosa amára.

Bella se ostenta um dia ;
Saúdam-na as pastoras ;
Dam-lhe mil beijos, gorgeando, as aves ;
Voam do gozo as horas.

Lá vem chegando a noite,
E ella empallideceu :
Incessante prazer mirrou-lhe a seve ;
A rosa emmurcheceu.

Desce o tufão dos montes,
Os matos sacudindo ;
Desfallecida a flor desprende as folhas,
Que o vento vae sumindo.

Onde estará a rosa,
Do prado gala e brilho ?
O tufão, que espalhou seus frageis restos,
Passou — nem deixou trilho.

Da garça a pobre filha
Nasceu, gozou, e é morta :
E a qual desses amantes de um momento
Seu fado escuro importa ?

Nenhum, nenhum por ella
Gemeu saudoso á tarde ;
Não ha quem juncte as derramadas folhas,
Quem amoroso as guarde.

Só da manhã o sopro,
Passando no outro dia,
Da rosa, que adorou, quando a innocencia
Em seu botão sorria,

Juncto da garça humilde
Seu curso demorando,
Veio depositar perdão, saudade,
Queixoso murmurando.

De quantas és a imagem
Oh desgraçada flor !
Quantos perdões sobre um sepulchro objecto
Tem sussurrado o amor !

GAZETAS PORTUGUEZAS.

4.^o

Publicámos o seguinte additamento, que nos foi remettido, ácerca do artigo que publicámos sobre a origem das Gazetas portuguezas no n.^o 48 do Panorama.

TENDO-ME chegado á mão uma collecção de gazetas semelhante á que serviu de base ao artigo do Panorama, traçara publicar algumas reflexões sobre este objecto. E se bem que o meu trabalho seria muito inferior a tão bem acabado artigo; todavia sempre me animo a fazer-lhe um pequeno additamento.

A collecção, que tenho á vista, pertence á bibliotheca publica de Evora, e era do convento dos Capuchos do Bosque em Borba. Está encadernada em pasta de pergaminho, e fórma um vol. reunida com varias relações avulsas e especiaes de successos do tempo. É este vol. numerado com letra de mão, e começam nelle as gazetas a folhas 142. São 20 gazetas, a 1.^a de Novembro de 1641, e a ultima de Julho e Agosto de 1644. Esta coincidência d'identidade da 1.^a gazeta em uma e outra collecção corrobora a suspeita já vehemente, a que por varias razões foi levado o A. do artigo, de que fosse tambem a 1.^a, que saíu em Portugal.

Estas publicações, como nota o artigo, eram mensaes, e ás vezes saíam duas por mez. Eu só acrescentarei que outras vezes eram dois mezes comprehendidos n'uma só gazeta, como os de Julho e Agosto de 1644; e nem por isso passavam das seis folhas, que communmente tinham.

Estas gazetas eram, como outro qualquer impresso, sujeitas ás censuras e licenças do costume; e nada indica que fossem verdadeiramente *officiaes*; antes o dizer de seus artigos deixa ver que o redactor colhia as noticias donde melhor podia, como qualquer outro jornalista particular, arredado dos segredos de gabinete. Em satisfação do que affirmo porei por extenso os dois seguintes artigos.

= Veio Frei Diniz de Alencastre, a quem elRey nosso Senhor havia mandado ás partes do Norte: & não se sabe a que foy, mas presume-se que effeituou tudo com a felicidade, que se esperava de hum sujeito, em quẽ concorrẽ tão soberana qualidade, & partes tão superiores. = *Gaz. de Novembro de 1641.*

= Fez elRey nosso Senhor mercê a hũ bisneto do Bandarra de huã Capella com que se pode sustentar sufficientemente. = *Gaz. de Mayo de 1642.*

O SOLDADO DO FOGO.

FOI o segundo cerco de Diu na India, a occasião em que os portuguezes mais se distinguiram; durante todo o tempo que dominaram na India. Chegou o sitio a tal estreiteza, que o capitão-mór da praça propoz em conselho que saíssem da fortaleza cerrados em um corpo e dando no arraial do inimigo aí percessem como valentes sobre os cadaveres dos inimigos. Não ignoravam estes o estado da fortaleza, e por isso se resolveram a dar um assalto geral, com esperança certa da victoria. Dando fogo a uma mina que tinham feito por baixo do baluarte S. Thomé, depois que este voou e o fumo se desvaneceu, atacaram ao mesmo tempo as ruinas delle e os outros baluartes, com tal furia, que os portuguezes a custo lhes resistiam. Ardia a um tempo o combate em toda a parte, e por vezes chegaram os inimigos a cavalgar o muro, pelejando com os nossos peito a peito: caíam muitos; mas logo lhes succediam outros. Era tanto o fogo que os mouros lançavam nos baluartes, que se viam os nossos constrangidos a pelejar no meio de chammas. Mandou vir o capitão-mór algumas tinas de agua, para mitigarem nellas os soldados o ardor do fogo de que se viam rodeados. Por occasião desta providencia que se deu, succedeu um caso digno de memoria. Defendia Antonio Moniz Barreto um baluarte, e querendo mitigar nas tinas o calor em que se abrazava, pegou-lhe pelo braço um soldado, dizendo: *Como assim? — Deixacs perder o baluarte d'elrei? — Vou-me banhar naquellas tinas, porque estou ardendo; tornou o Moniz. Se os braços estão sãos, tudo o mais é nada; foi a resposta do valoroso soldado.* Antonio Moniz recebeu a advertencia, e tão amigo ficou daquelle ousado homem, que lhe fez todo o genero de bons officios, sendo este d'alli ávante conhecido pela denominação de *soldado do fogo*.

Durou aquelle terrivel conflicto ainda por muitas horas; mas por fim os inimigos começaram a affrouxar, o que vendo Rumeção, seu general, mandou tocar á retirada. — Diziam depois os mouros que só os frangues [francos, ou christãos, nome que davam aos portuguezes] eram os unicos homens dignos de trazerem barbas, e que se ainda na India havia gente que lhes não fosse sujeita nascia isto de elles serem mui poucos.

Os assaltos repetiram-se cada vez com mais furia;

mas os portuguezes se defenderam como heroes, até que chegaram os primeiros socorros, que lhes levou D. Alvaro de Castro, e a armada que fez levantar o sitio, capitaneada pelo proprio vice-rei o celebre D. João de Castro.

IVANHOE TRADUZIDO EM VULGAR.

VIERAM a nossas mãos, quasi simultaneamente, duas versões deste romance, o mais acabado e perfeito do fecundissimo Walter-Scott. É impressa uma das traducções em Paris, outra em Lisboa. Julgámos ao primeiro aspecto fosse a melhor a que nos veio de fóra: feita em Paris, onde são conhecidas vulgarmente as mais recentes e correctas edições do original, as mais apuradas versões francezas, em fim, feita no coração da republica das letras, devia sair muito mais aprimorada do que a traducção de Lisboa. Enganamo-nos. A versão feita em Paris, barbarissima em linguagem, é uma destas obras de *fanfarraria*, com que se costumam atulhar as lojas dos livreiros. O traductor parece ter-se servido da versão franceza de Defauconpret, sem consultar a mais trabalhada de Montemont, nem o original, ou se consultou este, mil vezes o não entendeu. Cortou passagens inteiras sem necessidade, torceu outras, e converteu o curioso e poetico romance de Ivanhoe n'um tedioso conto. Os versos das epigraphes dos capitulos, e os que vem no corpo do livro, quando os não supprimiu, reduziu-os a versos portuguezes quasi sempre errados. Certo que o affamado Walter Scott não podia esperar que, depois de morto, houvesse um homem nascido no canto da Europa, que tão barbaramente o esfolasse.

A traducção de Lisboa, pelo contrario, vê-se que foi feita com consciencia, e que o original e as versões francezas estiveram sempre diante dos olhos do traductor. A linguagem é limpa e corrente, e o texto fielmente dado. Emfim é um romance bem traduzido, cousa rarissima na nossa terra, onde esta casta de litteratura é sempre tractada com uma especie de desprezo, sendo certo que ha novellas que valem mais como cousas litterarias do que certos tractados scientificos, ou certas materias de elevada litteratura, que traductores e auctores tractam com maior esmero.

Convidámos o traductor de Lisboa, a que continue a dar-nos traducções como estas, de que sem dúvida lhe resultará proveito e honra, e pedimos ao de Paris que, ou aprimore mais o seu trabalho, ou que deixe repousar o auctor do Waverley na paz do seu honrado sepulchro.

LITHOGRAPHIA.

A LITHOGRAPHIA é a arte de desenhar ou traçar letras na pedra, e tirar della impressos, tendo assim por alvo e por effeito o substituir em certos casos a imprensa e a gravura. Funda-se esta arte em dois principios chymicos: um é a propriedade que tem a pedra calcarea granulosa e compacta de embeber a gordura ou a agua; o outro é a antipathia que ha entre a agua e a gordura. Consiste o methodo de lithographar em desenhar na pedra com um lapis oleoso, em lavar a pedra com agua, que filtra por todos os pontos por onde não passou o lapis, e emfim em correr por cima da pedra um rolo cheio de tincta de imprensa. Como esta tincta é oleosa pega sobre o desenho feito com um lapis tambem oleoso, sendo ao mesmo tempo repellida de todas as partes em que penetrou a agua. A extrema simplicidade do methodo, e uma

grande economia de tempo e de dinheiro, são as principaes vantagens deste modo de impressão, cuja descoberta se deveu em grande parte ao acaso.

Luiz Sénfelder, filho de um actor do theatro de Munich, tendo encetado a carreira de seu pae com pouco proveito, deixou-a para se dar ás letras. Vendendo-se pobrissimo para poder imprimir as suas obras, trabalhou por imprimi-las por suas proprias mãos, e serviu-se, em vez de caracteres fundidos, de taboas de cobre, sobre as quaes escrevia com uma tincta composta a seu modo. Exercitava-se para aprender a gravar as letras ás avessas em pedaços de pedra calcarea, cuja superficie pulia. Faltando-lhe papel certo dia para fazer apontamentos, escreveu-os sobre um destes pedaços de pedra com a sua tincta particular. Lembrou-lhe então que a pedra podia fazer as vezes do cobre: cavando logo a pedra, com um acido, á roda dos caracteres que formára, de modo que ficassem em relevo, tirou repetidas provas, e achou-as ainda melhores do que esperava. Considerando nisto mais attentamente, reflectiu que não era necessario que as letras saíssem em resalto: os dois principios chymicos que acima indicámos lhe lembraram então; e a lithographia foi inventada.

Sénfelder tirou, passados tres annos, [em 1799] um privilegio, e se associou com um capitalista para estabelecerem lithographias em Vienna, em Paris, e em Londres. Sairam-se, porém, mal da empresa, e depois de algumas tentativas infructuosas, a abandonaram.

Parecia, assim, que o invento da lithographia devia acabar apenas nascido, mas outro acaso o salvou. Certo professor de desenho, em Munich, querendo multiplicar, com pouca despesa, as cópias dos seus modelos, serviu-se, em 1806, do methodo de Sénfelder, aperfeiçoou-o, e deu-lhe voga. — Brevemente a lithographia se tornou popular na Baviera; e Sénfelder, quando morreu, já dirigia em Munich, uma lithographia real. Da Baviera se generalizou a nova arte em França e depois em Inglaterra. Hoje é vulgar em todos os paizes onde existe a arte-typographica.

O XADREZ.

O QUE se refere de Palamedes, que descobriu ser a demencia de Ulysses fingida, para não ir ao cerco de Troia, prova, sem duvida que elle tinha espirito engenhoso e agudo, e como, segundo o costume, só aos que tem de seu, é que se empresta, não é de espantar que attribuissem a Palamedes a invenção do xadrez, que é o mais antigo jogo, dos que dependem só de combinação. A favor desta opinião, porém, nenhuma prova decisiva ha. O maior numero de auctores concorda em dar a honra do invento aos indios, de quem os persas o receberam no reinado de Cosroes o grande. Quanto ao modo por que foi inventado este jogo, eis-aqui o que contam os arabes.

Reinava no Indostão um principe mancebo, que, apesar de ter muitos bons dotes naturaes, não havia podido esquivar-se á funesta influencia dos lisongeiros. Não se limitando em desprezar o amor dos subditos, affastava-os de si com desprezos. Os sacerdotes e os philosophos do imperio lhe tinham dado sobre isto judiciosos conselhos, que ouvira sem se encolerisar, mas de que nenhum caso fizera. Debalde tinham trabalhado por lhe provar que o povo é o verdadeiro sustentaculo do throno, e que toda a força de qualquer principe está na união da de todos os subditos; o principe tomára as suas palavras em conta de vaãs arengas. Foi então que um bramene, chamado *Sissa*, querendo provar-lhe de modo mais palpavel o que os

outros sabios só tinham tractado de lhe provar com argumentos, inventou o jogo do xadrez, em que o rei, apesar da sua importancia, não pode atacar, nem defender-se sem o concurso das outras peças.

O principe, abalado por semelhante demonstração, prometteu melhorar de procedimento, e além disso, certificou ao bramene que lhe daria a recompensa que lhe elle pedisse. Pediu o bramene tantos grãos de trigo quantos produziria o numero das casas do taboleiro, dobrando sempre a somma delles, isto é, dando um pela primeira, dois pela segunda, quatro pela terceira, e assim até as sessenta e quatro. Este pedido pareceu mui modesto, e foi de leve concedido; mas o principe ficou espantado, quando, feitos os calculos necessarios, se achou que o satisfaze-lo excedia os limites do seu poder, e que para cumprir a sua palavra, lhe seria preciso possuir 16:384 cidades, cada uma com 24 celeiros, em cada um dos quaes houvesse 174:762 medidas de trigo levando cada uma 32:768 grãos.

Sissa aproveitou tambem esta occasião para mostrar ao principe o que era fazer promessas de leve.

Esta origem do xadrez, segundo a tradição dos arabes, dá a razão do nome de *jogo do xeque*, porque tambem é vulgarmente conhecido. Xeque é o titulo que os arabes dão ao seu principe; e tendo sido inventado para um rei, não é muito que se chamasse o jogo do rei, ou do xeque.

Os chins, que já usavam deste jogo 537 annos antes de Christo, tambem attribuem aos indios a invenção d'elle, e isto parece confirmar a poetica tradição dos arabes.

COMBATE, FERIMENTO, E CURA D'UM CARANGUEJO.

Ficou em secco uma ostra. Maravilhada e contente de sentir o calor suave do novo elemento, que se lhe mostra fagueiro, abre um pouco as valvulas da sua concha para que lhe repasse a quentura todo o corpo. Um assassino, emboscado em logar visinho, a espreita, escondido atraz d'uma pedra. Approxima-se andando de ilharga e bordejando, sem com tudo tirar os olhos de cima da victima. Uma grossa e dura couraça, de côr parda-esverdinhada, lhe defende o corpo, sustentado em quatro pés compridos e ageis, e armado pela frente de duas torquezas fortes e ameaçadoras. É este o caranguejo vulgar [*Cancer menas. LIN.*] dos naturalistas. Lança-se sobre a prêa, porém a ostra, advertida do perigo, fecha immediatamente as duas valvulas, e muito feliz é o voraz caranguejo em lhe lá não deixar uma ou duas das suas patas felpudas. Este gyra, breve espaço, em torno da preza, que encerrada na sua fortaleza inexpugnável, zomba, a seu salvo, dos maus intentos do inimigo: retira-se finalmente, e a ostra presume poder abrir sem perigo a sua casa; mas o seu contrario se lhe avisinha de vagarinho, e mui sorrateiro, levando n'uma das torquezas uma pedrinha, que apanhou na arêa, e que tem a habilidade de introduzir de repente na concha do mollusco, o qual quando quer fecha-la não pôde, e é portanto facilmente devorado. É isto o que o caranguejo se dispõe a fazer, mas eis que sae do mar outro individuo para vir disputar-lho, d'onde resulta um combate pertinaz e mui curioso. Os dois animaes começam a peleja marchando lateralmente, e voltando-se um contra o outro; chocam-se com os escudos e diligenciam derribar-se; dão depois crueis golpes com as patas dianteiras, e procuram segurar um ao outro entre as torquezas. Então só se largam depois de terem perdido as for-

ças por effeito do canção ou das feridas, e o vencido foge vergonhosamente.

Ficou o caranguejo vencedor senhor do campo de batalha, mas saíu do combate com uma das torquezas quasi quebrada. Conhece-se que a ferida é dolorosa, porque se retira cambeteando para o seu humido asylo, e do corpo inteiro se lhe apossa um tremor convulsivo. Morrerá sem dúvida, porque a crosta que o cobre, dura qual pedra, não tem cura em se furando ou quebrando; em breve atacará a gangrena as carnes expostas ao ar, e da perda do braço doente, se destro cirurgião o não amputar, seguir-se-ha a do corpo. Pois tal não acontecerá. Elle proprio será o seu cirurgião, e vêde como a operação já principia: — O caranguejo sacode a pata ferida, ao principio lentamente, e depois com progressivo augmento de velocidade, até chegar a uma especie de tremor rapidissimo, que dura um ou dois minutos. Separa-se então inteiramente a pata na primeira articulação, e o animal está salvo. Crescerá outra pata em logar da amputada, porém ha de por muito tempo ser mais pequena do que a outra, porque toda a numerosa familia dos crustaceos logra a pasmosa faculdade de reproduzir os membros que lhe arrancam, e é por isso que se encontram tantas vezes caranguejos, santolas, &c. com esta deformidade. Estes animaes não podem viver senão em aguas vivas e corredias, entre raizes e rochedos, nos rios e no mar. Expostos de contínuo a ser arrastados pelas aguas, arrebatados pelas ondas, quebrados nos penedos ou entalados nas raizes, dentro em pouco acabariam desconjunctados, se não possuíssem este poder de reproducção.

AS PRIMEIRAS TENTATIVAS.

“EU FAREI” é um modo d'exprimir, que sendo oriundo d'uma intenção perguigosa, denota um habitô moral, bastante danoso, tanto para o aperfeioamento da intelligencia, como para o tracto da vida commum. O que custa pouco a fazer de raro merece louvor; e se nos habituarmos a pensar que as nossas obras saem capazes do primeiro jacto, quando ainda nos restam meios de as pôrmos melhores, gradualmente lhes iremos applicando menos cuidados e fadigas, e nos contentaremos sempre com o primeiro, e mais facil resultado. Ainda existe a folha de papel, em que o Ariosto descrevendo uma tempestade, escreveu uma oitava, por dezeseis modos differentes, e foi a ultima correção a que elle preferiu. O Tasso achava as rimas com summa difficuldade, sendo escrupulosissimo na escolha. Eram ambos homens de grande talento. Quem, na presença de exemplos taes, ousará contentar-se com os primeiros esforços? — Pôde quasi geralmente affirmar-se que o talento, ou genio, é a combinação de uma vehemente propensão para qualquer estudo, ou arte especial, com uma grande habilidade e applicação para a sopear e dirigir. Os que possuem este dote raras vezes dizem de qualquer obra, por indifferente que seja, “eu farei.” — Vimos um cavallete de pintor com este letreiro — “Apura, e tenta de novo;” — inscripção esta, que talvez por muitas vezes arrancasse dos braços da indolencia o mesmo que a traçou. O famigerado Miguel Angelo [*] usava dizer: “quem não attende a bagatellas não chega á perfeição.” E não dá attenção ás bagatellas, que escapam no primeiro lavor, quem não tem perseverança no trabalho. — Voltando agora ao mundo civil, todos nós sabemos quão pouco meritorios são os serviços d'os que adoptaram por principio no tracto familiar “eu farei;” quanto é escassa a intenção que os promove;

(*) Vide o N.º 46 pag. 82.

e quão insufficientes são os bons officios que dahi derivam.

INGRATIDÃO DOS HOMENS.

A SEGUINTE passagem que extraímos de um sermão do nosso Vieira, servirá não só para consolar aquelles a quem mal pagou a patria bons serviços, mas tambem para que os leitores vejam que Portugal tem que oppor aos mais celebrados rasgos de eloquencia, que dos seus oradores possam apresentar as outras nações da Europa.

“ Se o mundo e o tempo fora tão justo que distribuiria os premios pela medida do merecimento, então tinheis muita razão de queixa; porque vos faltava o testemunho da virtude, para que os mesmos premios foram instituidos. Mas quando as mercês não são próva de *ter* homem, senão de *ser* homem; e quando não significam valor, senão valia, pouca injuria se faz a quem se não fazem. Dizia com verdadeiro juizo Marco-Tullio, que as mercês, feitas a indignos, não honram os homens, affrontam as honras. E assim é. As commendas, em semelhantes peitos, não são cruz, são aspa: e quando se veem tantos ensabentados da honra, bem vos podeis honrar de não ser um delles. Sejam esses embora exemplo da fortuna; sede-o vós da virtude.

Finalmente: se os homens vos são ingratos, não sejais vós ingrato a Deus. Se os reis vos não dão o que podem, contentae-vos com que vos deu Deus o que não podem dar os reis. Os reis podem dar titulos, rendas, estados; mas animo, valor, fortaleza, constancia, desprezo da vida, e as outras virtudes de que se compõe a verdadeira honra, não podem. Se Deus vos fez estas mercês, fazei pouco caso das outras; que nenhuma vale o que custa. Sobre tudo lembre-se o capitão e soldado famoso de quantos companheiros perdeu, e morreram nas mesmas batalhas, e não se queixam. Os que morreram fizeram a maior fineza, porque deram a vida por quem lha não pôde dar. E quem por mercê de Deus ficou victorioso e vivo, como se queixará de mal-despachado? Se não beijastes a mão real pelas mercês, que vos não fez, beijae a mão da vossa espada, que vos fez digno dellas. Olhe o rei para vós como para um perpetuo credor; e gloriae-vos de que se não possa negar devedor vosso o que é senhor de tudo. Se tivestes animo para dar o sangue, e arriscar a vida, mostrae que tambem vos não falta para o soffrimento. Então batalhastes com os inimigos; agora é tempo de vos vencer a vós. Se o soldado se vê despido, folgue de descobrir as feridas, e de envergonhar com ellas a patria por quem as recebeu. Se depois de tantas cavallarias se vê a pé, tenha essa pela mais illustre carroça de seus triumphos. E se, emfim, se vê morrer á fome, deixe-se morrer, e vingue-se. Perde-lo-ha quem o não sustenta, e perderá outros muitos com esse desengano. Não faltará quem diga por elle: *Quantos mercenarios vivem na abundancia, em quanto eu morro de fome!* E este ingrato e escandaloso epitaphio será muito maior e mais honrada commenda de quantas podem dar os que as dão em uma e muitas vidas.”

Annos
de
J. C.

SEMANARIO HISTORICO.

22 de Abril.

1498 — Elrei D. Manuel e a rainha D. Isabel vão a Toledo, onde são jurados, neste dia, successores da corôa d'Hispanha.

1515 — Os portuguezes de Çafim e Azamor attacam a cidade de Marrocos; mas são obrigados a desistir da empreza; retirando-se, comtudo, sem notavel perda.

23

1185 — Nasce em Coimbra o infante D. Affonso, depois rei de Portugal, 2.^o do nome.

1516 — Os mouros tendo posto cerco á nossa praça de Arzilla são valorosamente repellidos. Apparece uma armada portugueza com gente de guerra, quando já os inimigos desenganados levantavam o sitio: vão os portuguezes no alcance dos mouros, fazendo-lhes notavel estrago.

1616 — Morte de Shakspeare, o grande escriptor dramatico inglez, nascido em 1564. No mesmo dia e anno morreu Cervantes, o auctor de D. Quixote.

1625 — Luiz 13.^o decreta que todos os judeus residentes em França, saiam daquelle paiz dentro do prazo de um mez.

24

1500 — Descobre Pedro Alvares Cabral o Brasil.

25

1361 — D. Pedro faz beijar a mão do cadaver de D. Ignez de Castro collocado no throno real.

1385 — Victoria de Trancoso em tempo de D. João 1.^o Os castelhanos soffrem grande perda.

1595 — Fallece em Roma Torquato Tasso, cuja biographia escrevemos a paginas 71 do 1.^o volume.

26

1521 — Fernando de Magalhães, portuguez ao serviço de Carlos 5.^o, é morto em uma briga com os habitantes de Matan, uma das ilhas Philippinas. Navegando da Europa para as Molucas, em vez de ir pelo cabo de Boa-esperança, descobriu e dobrou a ponta da America Meridional, pelo estreito ainda hoje chamado de Magalhães. O navio em que elle ia foi o primeiro que fez uma viagem á roda do mundo.

1648 — Nascimento do infante D. Pedro, depois rei de Portugal, 2.^o do nome.

27

1386 — Morre em Tordesilhas na maior miseria D. Leonor Telles, mulher d'elrei D. Fernando 1.^o de Portugal.

28

1397 — Morte do celebre D. Lourenço, arcebispo de Braga, de quem fallámos a pag. 115 do 1.^o volume.

Finalizando com o presente n.^o as assignaturas annuaes, roga-se aos S.^{rs} Assignantes, que quizerem continuar, hajam de as renovar em conformidade com os seguintes preços:

Por 5 mezes a findar em Setembro...	550,	e com capa	590
" 8 ditos " em Dezembro...	850,	"	930
" 14 ditos " em Junho 1839, 1410,	"	"	1530

Os S.^{rs} Assignantes das terras onde não houverem correspondentes da Sociedade, terão a bondade de enviar as importancias de suas assignaturas, pelo seguro do correio, francas de porte.

Os S.^{rs} Accionistas são convidados a renovar as suas assignaturas pelo 2.^o anno, que principia com o n.^o 53 em Maio proximo, preço 1200 rs.; na conformidade do art.^o 14.^o dos Estatutos.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal
N.^o 55 = 1.^o andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.